

PROGRAMA MAIS ALFABETIZAÇÃO

2018

LÍNGUA
PORTUGUESA

Caderno
P1210

Nome do (a) candidato (a)

Caro (a) Candidato (a),

você está participando de forma voluntária do processo seletivo simplificado para Assistente de Alfabetização do Programa Mais Alfabetização.

O seu trabalho é muito importante para apoiar nossos professores no processo de alfabetização das crianças matriculadas nas turmas de 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

Desejamos sucesso!

Bom teste!

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Leia o texto abaixo.

Pequenas grandes angústias cotidianas	
	O telefone toca e você já olha preocupado, porque telefone tocando não costuma ser coisa boa. Nunca foi. Você já até se acostumou. Notícia boa chega via <i>WhatsApp</i> , via <i>e-mail</i> [...]. Ninguém com boa intenção pega o telefone, disca [...], espera chamar, fala “alô”. Ninguém liga para ninguém hoje em dia.
5	O telefone toca, você ainda olha preocupado. Vê o número. Você não conhece. Claro, ninguém conhece número de ninguém [...]. Mas aí aparece o nome também. É conhecido. Não se veem há um tempo. Gente boa o sujeito. Por onde será que ele anda? [...]
10	O telefone toca mais uma vez. [...] Melhor atender. Porque se não atender o sujeito vai saber que você deixou de atender ao telefonema dele. E vai ficar esperando você retornar. Você não vai retornar, porque nunca retorna telefonema. Para ninguém. [...]
15	Então você atende e não fala “Alô?”. Já dispara: “E aí meu Camarada?”. Mas não um “E aí meu Camarada?” irritado. Não um “E aí meu Camarada?” falso. Vem um “E aí meu Camarada?” moleque. Você até sorri. [...] Viu? Deu tudo certo. Você conseguiu atender o telefone. Nem foi tão difícil. [...]
20	Mas não. É voz de mulher. Você já pensa que fez alguma bobagem, claro. Essas coisas costumam sempre ser culpa sua. Colocou o nome de uma pessoa com o telefone de outra na agenda do celular. [...] Mas não foi você quem errou. Na verdade, você acertou. Cadastrou o número do celular e o número do fixo do camarada no mesmo contato. E agora é a mãe do camarada no telefone fixo. [...]
25	Ela quer falar com você. Sobre sua irmã. O que é bem complicado, porque você não tem irmã. Não que saiba, pelo menos. [...] O assunto está complicado. Ela conhece sua irmã da aula de porcelana. Ficou sabendo que ela está doente. [...] Sorte que você não tem irmã, tem quase certeza disso. [...] Então não é sua irmã que está doente. Tenta explicar. Fala que sim, que você é você mesmo, o camarada amigo do filho dela. Mas que não, você não tem irmã. [...]
	Você desliga o telefone. Confere o <i>WhatsApp</i> para ver se seu amigo, por acaso, mandou alguma mensagem. Mas não. [...] Talvez ligue para o camarada só para ver como ele está e despreocupar. Melhor não. Passa um <i>e-mail</i> . Assim resolve. Ninguém liga mesmo para ninguém hoje em dia.

GOETTENAUER, Carlos. Disponível em: <<http://www.estadocronico.com.br/2015/04/pequenas-grandes-angustias-cotidianas.html>>.

Acesso em: 11 set. 2017. Fragmento. (P121519H6_SUP)

01) (P121519H6) O conflito gerador desse texto ocorre quando

- A) o assunto com a mulher começa a ficar complicado.
- B) o narrador atende à ligação da mulher.
- C) o narrador confere se o amigo mandou mensagem.
- D) o narrador decide mandar um *e-mail*.
- E) o telefone do narrador começa a tocar.

02) (P121520H6) Infere-se que o narrador desse texto

- A) costuma registrar números de telefone errados.
- B) esquece-se de retornar ligações.
- C) evita falar ao telefone.
- D) lembra-se de um segredo.
- E) tem paciência para ouvir histórias por telefone.

Leia novamente o texto “Pequenas grandes angústias cotidianas” para responder às questões abaixo.

03) (P121522H6) Qual trecho desse texto apresenta uma gradação de ações?

- A) “... porque telefone tocando não costuma ser coisa boa.”. (l. 1-2)
- B) “... pega o telefone, disca [...], espera chamar, fala ‘alô’”. (l. 3)
- C) “... ninguém conhece número de ninguém...”. (l. 6)
- D) “Você até sorri. [...] Viu? Deu tudo certo.”. (l. 13)
- E) “Colocou o nome de uma pessoa com o telefone de outra...”. (l. 16)

04) (P121521H6) Nesse texto, no trecho “... só **para** ver como ele está e despreocupar.” (l. 26-27), o termo destacado estabelece uma relação de

- A) consequência.
- B) explicação.
- C) finalidade.
- D) oposição.
- E) proporção.

05) (P121523H6) Nesse texto, no trecho “Já **dispara**:...” (l. 11), a palavra destacada significa

- A) correr em alta velocidade.
- B) falar em voz alta.
- C) lançar um objeto.
- D) olhar fixamente.
- E) responder rapidamente.

Leia o texto abaixo.

Fotos no celular? Socorro!	
	<p>Lançamento de novela. Festa. Imprensa. Emoção. Minha obra! Um garçom, alguns metros à frente, passa com uma bandeja de água e refrigerantes. Morro de sede. Quero um refrigerante. Dou um passo. Uma jovem aproxima-se sorrindo, celular na mão.</p> <p>– Posso fazer uma foto?</p>
5	<p>Sorriso de volta, expondo todos os meus dentes como um jacaré. Ela clica.</p> <p>– Ah, desculpa, não saiu boa. Vou fazer outra.</p> <p>Já proprietária de mim, afasta-me uns metros para uma posição melhor. Clica de novo. Termina. O garçom na direção contrária. Que sede. Alguém me puxa. Celular na mão. Sorriso de novo. E de novo, de novo, de novo. [...]</p>
10	<p>Acredito que a maioria, hoje, prefere fotografar a desfrutar uma viagem. No exterior, registram monumentos, fazem <i>selfies</i> em frente a paisagens. Mas será que realmente veem a paisagem? Houve um tempo em que se fazia piada dos turistas japoneses. Todos passavam a viagem no clique, clique. A piada acabou, o clique, clique se tornou mundial. [...]</p>
15	<p>As pessoas publicam fotos e vídeos nas redes sociais o tempo todo. Querem que o universo contemple um café espresso. Se querem mostrar algo, pessoalmente, deslizam as imagens pelo celular, uma atrás da outra. [...]</p>
20	<p>Contemplo meu próprio aparelho. A memória carregada de fotos. Tornou-se falta de educação não registrar certos momentos. [...] O que vou fazer com tudo isso, apagar? [...]</p> <p>Corajosamente, falo com meu assistente, Felipe.</p> <p>– Quero imprimir as fotos do meu celular.</p> <p>– Ninguém mais faz isso – revolta-se ele.</p> <p>– Se existe serviço de impressão, é porque fazem.</p>
25	<p>Assim, neste exato momento, seleciono as fotos que vou imprimir. Depois, o que farei com elas? Talvez um velhinho numa lojinha centenária encontre um álbum de fotografias cheio de poeira. E me venda. [...] Colarei as fotos nas páginas, revivendo a cada uma a emoção. É coisa antiga, sei. Mas não quero abandonar momentos tão bons, família e amigos tão queridos, em algum velho celular descarregado.</p>
	<p>*Vocabulário: <i>'selfies</i>: fotografias que uma pessoa tira de si mesma.</p>

CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/sociedade/walcyr-carrasco/noticia/2017/08/fotos-no-celular-socorro.html>>. Acesso em: 21 set. 2017. Fragmento. (P121481H6_SUP)

06) (P121481H6) Um argumento utilizado pelo autor desse texto para defender sua ideia está no trecho:

- A) “Lançamento de novela. Festa. Imprensa. Emoção. Minha obra!”. (l. 1)
- B) “Já proprietária de mim, afasta-me uns metros para uma posição melhor.”. (l. 7)
- C) “Acredito que a maioria, hoje, prefere fotografar a desfrutar uma viagem.”. (l. 10)
- D) “Contemplo meu próprio aparelho. A memória carregada de fotos.”. (l. 17)
- E) “Colarei as fotos nas páginas, revivendo a cada uma a emoção.”. (l. 25-26)

07) (P121484H6) Para o autor desse texto, a piada sobre os turistas japoneses acabou porque

- A) deixar de registrar os momentos é falta de educação.
- B) fotografar é preferível a aproveitar a viagem.
- C) imprimir fotos digitais é uma coisa antiga.
- D) publicar fotos passou a ser normal.
- E) tirar foto o tempo todo se tornou mundial.

Leia novamente o texto “Fotos no celular? Socorro!” para responder às questões abaixo.

08) (P121483H6) Nesse texto, a expressão destacada no trecho “Todos passavam a viagem no clique, clique.” (l. 12-13) representa uma linguagem

- A) científica.
- B) culta.
- C) informal.
- D) regional.
- E) técnica.

09) (P121482H6) Nesse texto, a expressão destacada no trecho “... expondo todos os meus dentes como um jacaré.” (l. 5) foi utilizada para

- A) apresentar uma nova maneira de tirar fotos.
- B) destacar o fato de a jovem ter insistido em tirar foto.
- C) indicar que as fotos tipo *selfie* ficam estranhas.
- D) ironizar o fato de o autor ter dado um sorriso forçado.
- E) mostrar que o autor gosta de tirar fotos com fãs.

Leia o texto abaixo.



NOEL, Marcos. Disponível em: <<https://www.tediado.com.br/11/tirinhas-41/>>. Acesso em: 11 set. 2017. (P121477H6_SUP)

10) (P121477H6) De acordo com esse texto, o homem

- A) aborreceu-se no trajeto até o curso da mulher.
- B) deixou a mulher irritada porque esperava na esquina.
- C) enganou-se com relação ao dia do curso da mulher.
- D) esforçou-se para lembrar o dia do curso da mulher.
- E) surpreendeu a mulher ao chegar antes do horário.

Leia o texto abaixo.

Por que há erros mais errados do que outros?

Quando um "erro de português" já se instalou definitivamente na língua falada pelos cidadãos mais letrados, privilegiados, ele passa despercebido e já não provoca reações negativas – ainda que ele seja condenado pela gramática normativa, a mesma que, supostamente, deveria ser seguida pelas pessoas "cultas". Por isso, há "erros" mais "errados" (ou mais "crassos") do que outros – a escala de "crassidade" é inversamente proporcional à escala do prestígio social: quanto menos prestigiado é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide social, mais erros (e erros mais "crassos") os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele. Por outro lado, os falantes urbanos letrados detectam menos "erros crassos" na fala de pessoas de sua mesma origem social, notoriamente privilegiada – quando muito, são tidos como "lapsos", "descuidos" ou "licenças poéticas". Essa mesma condescendência, no entanto, jamais aparece para classificar a fala dos cidadãos das classes desfavorecidas: o mesmo fenômeno, agora, é tachado de "erro crasso" e ponto final. É como afirmava (dizem) Getúlio Vargas: "Para os amigos tudo, para os inimigos, a Lei". Afinal, o que está sendo avaliado não é apenas a língua da pessoa, mas sim a própria pessoa, na sua integralidade física, individual e social. Por isso, não existe propriamente preconceito linguístico, o que existe é um forte, profundo e arraigado preconceito social contra as classes desfavorecidas. E a língua funciona aí exatamente como as redes eletrificadas, as câmeras e as guaritas blindadas usadas nos condomínios privados – separa, isola, vigia e protege.

Voltei a pensar nessas coisas (sobre as quais já escrevi tanto nos últimos anos) num recente almoço de família (minha mãe completou 70 anos: parabéns para ela!). Uma querida prima, sabedora das minhas posições antinormativas no quesito língua, disse que não podia concordar comigo porque alguns "erros" lhe doíam no ouvido e citou o surradíssimo "pra mim fazer": "Fico arrepiada quando escuto isso". Eu apenas sorri, porque não era o lugar nem a hora de expor todos os postulados da sociologia da linguagem. Na continuação da conversa, porém, ela me contou que um vigia não permitiu que ela entrasse num local de exposições onde ela mesma estava montando um estande. "Eu disse então para ele: 'Moço, deixa eu entrar, vai! Deixa eu entrar! Eu trabalho aqui!' Sorri para mim mesmo (repito: não era hora nem lugar) e pensei: "Por que ela se arrepiava com o 'pra mim fazer' e usa tranquilamente o 'deixa eu entrar', se as duas construções são igualmente condenadas pela tradição gramatical, se são dois 'erros'?" A resposta já dei mais acima: porque quando um "erro" se instala definitivamente na fala (e na escrita, mais tarde) das pessoas privilegiadas, ele deixa de ser sentido como "erro" – é o caso do "deixa eu fazer", usado por 111 por cento dos brasileiros. Mas quando ainda não foi incorporado pelas classes dominantes, não tem conversa: é "erro crasso", "dói no ouvido", "causa arrepio". Mesmo quando é empregado por 98 por cento da população (inclusive já muita gente letrada), como o "pra mim fazer". A vida não é uma graça?

BAGNO, Marcos. Por que há erros mais errados do que outros? *Caros Amigos*. São Paulo: Editora Caros Amigos, jan. 2010. (P121587H6_SUP)

11) (P121587H6) O principal objetivo do texto é:

- A) expor o conceito de "erro de português".
- B) expor diferentes posicionamentos sobre o tema "erro de linguagem".
- C) argumentar que pessoas letradas e cultas seguem com mais rigor a língua padrão.
- D) argumentar que o conceito "erro" de linguagem tem base social e não linguística.
- E) relatar uma experiência vivida no ambiente familiar.

Leia novamente o texto “Por que há erros mais errados do que outros?” para responder às questões abaixo.

- 12) (P121588H6) Considere a seguinte afirmação do autor: “Há “erros” mais “errados” (ou mais “crassos”) do que outros...”. É evidência dessa afirmação o fato de
- A) falantes da elite letrada cometerem “erros” gramaticais e estes não serem percebidos.
 - B) muitas pessoas letradas usarem a língua de forma descuidada.
 - C) pessoas “mais letradas” não seguirem sempre a norma gramatical.
 - D) pessoas das classes privilegiadas serem discriminadas quando cometem um erro de português.
 - E) pessoas de diferentes classes sociais fazerem diferentes usos da língua.

13) (P121590H6) Releia:

Quando um “erro de português” já se instalou definitivamente na língua falada pelos cidadãos mais letrados, privilegiados, ele passa despercebido e já não provoca reações negativas...

As aspas utilizadas na frase acima

- A) indicam que a palavra é um jargão da área do autor.
- B) indicam sentido pejorativo, não assumido pelo autor.
- C) indicam sentido metafórico do termo.
- D) sinalizam restrição de sentido do termo.
- E) sinalizam duplo sentido da palavra.

14) (P121591H6) Releia:

“Eu disse então para ele: ‘Moço, deixa eu entrar, vai! Deixa eu entrar! Eu trabalho aqui!’ Sorri para mim mesmo (repito: não era hora nem lugar) e pensei: “Por que ela se arrepia com o ‘pra mim fazer’ e usa tranquilamente o ‘deixa eu entrar’, se as duas construções são igualmente condenadas pela tradição gramatical, se são dois ‘erros’?”

A regra normativa na qual Marcos Bagno se baseia para dizer que a construção “deixa eu entrar” é condenada é:

- A) os pronomes pessoais do caso oblíquo ocupam sempre a posição de complemento do verbo.
- B) os pronomes pessoais do caso reto ocupam sempre a posição de sujeito do verbo.
- C) não se pode iniciar uma frase com pronome pessoal do caso oblíquo.
- D) nas locuções com verbo auxiliar mais infinitivo, o pronome oblíquo atua como complemento verbal.
- E) em construções como “para eu fazer”, o pronome reto atua como sujeito do verbo no infinitivo.

15) (P121589H6) Releia:

“... a escala de “crassidade” é inversamente proporcional à escala do prestígio social”.

A alternativa que corresponde a essa afirmação é:

- A) quanto menos letrado for o falante, menos grave será considerado seu erro.
- B) quanto menos letrado for o falante, maior a chance de cometer erros de português.
- C) quanto mais culto for o falante, mais grave será o erro cometido por ele.
- D) quanto mais culto for o falante, menor a possibilidade de cometer erros de linguagem.
- E) quanto mais culto for o falante, menos grave será considerado seu erro de português.

